

INTERFACE PAISAGEM: ROTAS CULTURAIS EM INVENTÁRIOS DIGITAIS

Autor: Lucas Edson de Chico

Orientadora: Prof^a Associada Dr^a Anja Pratschke.

Palavras Chave: Paisagens Culturais, Patrimônio, HLIM, Mídias Digitais, Teoria da Complexidade

1. Objetivos e metodologia

A pesquisa intitulada “Interface Paisagem: Rotas Culturais em Inventários Digitais”, vinculada ao grupo de pesquisa NOMADS.USP, sob orientação da prof^a. Associada Dr^a. Anja Pratschke, se insere na temática de paisagem cultural e mídias, relacionando-se com a pesquisa de doutorado em paisagens culturais denominada De Forte a Forte: Constituição cibernética da paisagem cultural na fronteira ocidental histórica mato-grossense, em realização pelo mestre e professor Fernando Birello de Lima. O objetivo principal desta investigação é estudar métodos de modelagem da informação de rotas culturais, mediadas por recursos digitais. De modo a complementar o objetivo principal, busca-se compreender as teorias da paisagem e rotas culturais e sua ligação com o campo do patrimônio, às teorias e práticas do campo da modelagem da informação, como o HBIM (Heritage Building Information Modelling), o LIM (Landscape Information Modelling), o SIG (Sistemas de Informação Geográficas) e o HLIM (Heritage Landscape Information Modelling), e também a teoria da complexidade, ligada ao antropólogo francês Edgar Morin (2005).

Para alcançar o objetivo principal, são realizadas duas divisões metodológicas: a primeira, no campo teórico-preparatório, e a segunda no campo prático-experimental. A primeira abarca métodos como a revisão bibliográfica e entrevista estruturada, para a apropriação dos conceitos relacionados com a temática; o estudo de caso para um entendimento aprofundado de como é realizado o processo de gestão, manipulação e preservação de rotas culturais; e o treinamento com equipamentos e plataformas para compreender a operacionalidade, limites e potencialidades para o HLIM. Já em relação ao domínio prático-experimental, a pesquisa se vale da *práxis* para a verificação das proposições teóricas. Neste exercício, procede-se inicialmente com um experimento-piloto, em uma área reduzida, para verificar os métodos de levantamento e modelagem de dados. Estuda-se os resultados, reduzindo os ruídos

e oscilações para a aplicação final, discutindo-se a teoria e a prática. A seguir, serão trazidas informações acerca dos estudos de caso da etapa prático-experimental.

2. Estudos de caso e status da pesquisa

Como estudo de caso, elege-se a Rota Cultural de Santiago de Compostela devido à sua importância simbólica, histórica e impacto na institucionalização das rotas culturais como parte do patrimônio mundial. Em conferência de 1994, O World Heritage Center (WHC UNESCO) elege as rotas culturais como parte do patrimônio mundial, inserida na temática das paisagens culturais, tendo como base a rota de Santiago de Compostela para a definição dos critérios de entrada de outras rotas culturais. Sendo assim, estudar de maneira aprofundada os processos de gestão e tratamento da informação e do patrimônio desta pode auxiliar no entendimento e na eleição de métodos para a valoração e modelagem no campo experimental brasileiro: O Caminho da Fé.

Esta rota brasileira foi institucionalizada em 2003, com a criação da Associação de Amigos do Caminho da Fé, inspirada na experiência dos 3 peregrinos fundadores que, ao percorrerem o caminho de Santiago de Compostela, buscaram criar algo semelhante em território nacional. Porém, as peregrinações à cidade de Aparecida, São Paulo, remontam a tempos anteriores, visto que a aparição da imagem de Nossa Senhora foi encontrada nas águas do rio Paraíba do Sul no século XVIII, e a ela foram atribuídos diversos milagres, o que resultou em um processo de adoração e peregrinação ao santuário da entidade, que se consolidou ao longo dos séculos. (CAMINHO DA FÉ, 2022, SANTUÁRIO NACIONAL DE APARECIDA, 2022).

Neste momento, a pesquisa já realizou diversas etapas, como leituras bibliográficas acerca do conceito de paisagem cultural, patrimônio, teoria da complexidade e teorias da modelagem da informação (HLIM e conceitos correlatos). Estas leituras foram essenciais para a estruturação da dissertação, divisão dos capítulos e estratégias metodológicas. Foi realizada também uma etapa prática do experimento, que consistiu em uma visita de reconhecimento ao Caminho da Fé, a fim de levantar pontos de interesse para o experimento final, além de contribuir para um estudo aprofundado das características tipológicas, patrimoniais e da paisagem do objeto de estudo.

3. Paisagem cultural: da análise morfológica à análise complexa

Segundo o geógrafo brasileiro Rafael Winter Ribeiro, em seu livro *Paisagem Cultural e Patrimônio* (2007), o conceito de paisagem cultural foi formulado pela geografia no final do século XIX e, desde então, foi se transformando, ganhando outros elementos que anteriormente foram desconsiderados. Podemos considerar a primeira fase deste processo como a fase da análise morfológica da paisagem. Autores como Otto Schlüter e Siegfried Passarge iniciaram as pesquisas acerca das paisagens naturais modificadas pelos seres humanos, mas foi o primeiro que cunhou o termo *Kulturlandschaft*, como a paisagem resultante da modificação do homem sobre a natureza (RIBEIRO, 2007).

Porém, foi em 1925 que o geógrafo Carl Otwin Sauer publicou o artigo *A Morfologia da Paisagem*¹, onde foi sistematizado uma série de procedimentos e entendimentos acerca de quais são os elementos da paisagem cultural. Em resumo, estes elementos poderiam ser classificados em dois grupos: Os elementos Materiais e os Naturais. Sauer reconhece a existência de questões imateriais, porém, devido à impossibilidade de mensurá-los segundo suas métricas, ele os desconsidera no processo da análise da paisagem cultural. Isso revela uma análise ainda impregnada pelo positivismo e pela necessidade de estabelecer leis gerais (SAUER, 1925; RIBEIRO, 2007).

Somente na década de 60 é que acontece o que pode ser chamado de guinada subjetiva na geografia, que busca desvencilhar-se do positivismo e incorporar conceitos filosóficos do humanismo, intitulando-se “Geografia Humanista”. Autores desse momento, como David Lowenthal e Yu-Fu Tuan, buscaram estudar os aspectos simbólicos e estéticos da paisagem, inclusive dando mais ênfase ao conceito de lugar, gerando formulações como a de Topofilia, como amor ao lugar, no sentido das relações entre percepção e cultura e como isto influencia na maneira como sentimos os espaços, trazida por Tuan. Entretanto, a geografia humanista desabrochou em uma série de pensamentos e correntes que não necessariamente compartilhavam os mesmos conceitos, porém eram unidos pela rejeição às formulações do período anterior (TUAN, 1980; RIBEIRO, 2007).

A partir da década de 1980, inicia-se um outro movimento, embebido da geografia humanista, e que procura reformular os postulados da geografia tradicional. A auto-intitulada “Nova Geografia Cultural” refuta uma série de postulados de Sauer,

¹ Do Inglês *The Morphology of Landscape*, tradução nossa

denominando este período como “Geografia Cultural Tradicional”. Autores como James Duncan e Dennis Cosgroove intentam fazer uma junção entre os elementos morfológicos da paisagem e seus aspectos simbólicos, incorporando, desta forma, a subjetividade e os aspectos imateriais da cultura no processo de análise (RIBEIRO, 2007).

Porém, é com o geógrafo Francês Augustin Berque (1984), que os estudos da paisagem recebem um tratamento que mais se aproxima da teoria da complexidade. Para Berque (1984) a paisagem não deve ser analisada apenas como um conjunto morfológico ou por questões psicológicas. Ao introduzir o observador como parte da paisagem, o autor coloca que as análises realizadas estão impregnadas da subjetividade de quem a observa, sendo assim mais que um conjunto morfológico. Porém, é impossível negar a existência de elementos materiais na paisagem, tendo ela sua dimensão morfológica. Sendo assim, para o autor, a paisagem não é apenas o objeto ou o sujeito, mas a interação complexa de ambos, dando a definição “Paisagem Matriz na medida em que as estruturas e formas da paisagem contribuem para a perpetuação de usos e significações entre as gerações; Paisagem Marco, na medida em que cada grupo grava em seu espaço os sinais e os símbolos de sua atividade” (BERQUE, 1984, p. 33; RIBEIRO, 2007).

Pode-se comparar a definição dada por Berque (1984) com a teoria do pensamento complexo dada por Edgar Morin (2005). O autor coloca, assim como Berque, que a dualidade entre sujeito e objeto não pode resolver questões complexas, uma vez que esta divisão reside em um reducionismo das partes e um paradoxo onde ambas as partes não podem ser explicadas em separado. Morin (2005) também pontua que é na interação destas partes que há a possibilidade do surgimento das emergências, isto é, de surgir possibilidades interacionais que não podem ser deduzidas pela lógica, mas podem ser induzidas através da análise complexa das partes e do todo.

Com relação à esta última terminologia, Morin traz que, na ciência clássica, o método reducionista buscava segregar um todo em partes menores e altamente especializadas, porém, sem necessariamente reconstituir o todo novamente. Com o pensamento complexo, o todo está nas partes e as partes estão no todo. As partes não deixam de existir quando se está pensando no conjunto, porém, quando se olha o elemento isolado, é possível notar como características do todo conformam este elemento. Morin (2005) faz alusão à relação antropossocial para tratar acerca disto: o

indivíduo faz parte da sociedade, mas a sociedade e suas regras sociais, como as leis e a moral, por exemplo, também conformam o indivíduo, embora não se possa reduzir a subjetividade do sujeito aos códigos sociais.

Buscando trazer os postulados complexos para a análise da paisagem cultural, é possível observar e traçar, de maneira ensaística e breve, alguns paralelos: Observa-se, na geografia cultural tradicional, alguma filiação com os métodos que Morin coloca como das ciências clássicas: racionalismo, uma desvalorização do sujeito enquanto constituinte do sistema, e uma valorização do objeto enquanto passível de métricas racionalistas e reducionistas. Em contrapartida, a geografia humanista, que valorizava a subjetividade e os signos (elementos imateriais da cultura), também não traçava uma ponte entre os objetos, ou elementos materiais. Somente pós 1980 é que a paisagem inicia uma caminhada rumo à complexidade, introduzindo sujeito e objeto no mesmo sistema, e trazendo foco para a interação das partes, ou seja, para a análise das suas emergências, ainda que este termo não esteja explicitamente tratado por Berque (1984).

Com relação às partes e o todo, a paisagem cultural pode ser desdobrada e reduzida em partes menores, como os elementos naturais, materiais e imateriais, porém, não deve ser compreendida como uma somatória simples destes elementos. De maneira retroativa, a paisagem influencia a cultura, e vice-versa, fazendo com que os mesmos elementos que a constitui, em regime de interação diferente, como pela inserção de um estímulo perturbador, leva a desordem e ao rearranjo destas relações, podendo criar cenários múltiplos a partir das emergências do processo auto organizacional do sistema complexo. Portanto, ao analisar uma paisagem cultural, é necessário ter em mente que é um sistema em equilíbrio dinâmico, onde as partes e o todo se transformam no tempo, no espaço e na cultura, cabendo abrir campo para observar e compreender aquilo que emerge como singularidade destas interações.

4. Continuidade da pesquisa

À curto prazo, espera-se concluir a sistematização dos conteúdos já pesquisados e realizar uma análise aprofundada do Caminho da Fé, com base nos entendimentos da paisagem cultural e da teoria da complexidade. Após a qualificação, será realizado o teste de plataformas e equipamentos, para em seguida tratar de maneira aprofundada o estudo de caso do Caminho de Santiago de Compostela. Com a

conclusão desta etapa preparatória, aplicar-se-á o experimento-piloto e o final, abrindo campo para a discussão dos entraves e contribuições da pesquisa ao campo teórico e prático.

Referências

BERQUE, A. Paysage-empreinte, paysage-matrice: éléments de problématique pour une géographie culturelle. In: L'Espace Géographique, v. 12, n. 1, 1984, p. 33-34.

CAMINHO DA FÉ. História, 2020. Disponível em: <https://caminhodafe.com.br/ptbr/o-caminho-da-fe/> . Acesso em: 01 out. 2022

FACHIN, O. Fundamentos de metodologia. São Paulo: Saraiva; 2006.

MORIN, E. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Editora Sulina, 2005.

RIBEIRO, R. W. Paisagem Cultural e Patrimônio. Série Pesquisa e Documentação, 1ª ed. Brasília: IPHAN, 2007.

SANTUÁRIO NACIONAL DE APARECIDA. História do Santuário. Disponível em: <https://www.a12.com/santuario/historia-de-nossa-senhora-aparecida-1717>. Acesso em 01 out. 2022.

SAUER, Carl O. The Morphology of Landscape. In: AGNEW, J.; LIVINGSTONE, D. N.; ROGERS, A. (org.). Human Geography: An Essential Anthology. Oxford: Blackwell, 1996 [1925], p. 296-315.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: DIFEL, 1980.

UNESCO. Routes as Part of our Cultural Heritage, 1994. Disponível em: <https://whc.unesco.org/archive/routes94.htm>. Acesso em: 21 de set. de 2020.